

Marina de Oliveira Furlan

A necessidade do pecado: Pelágia de prostituta a santa.

Monografia de Bacharelado

Departamento de História
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Federal de Ouro Preto

Mariana, 2008.

Marina de Oliveira Furlan

A necessidade do pecado: Pelágia de prostituta a santa.

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Ms. Renato Viana Boy.

Departamento de História
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Federal de Ouro Preto

Mariana, 2008.

Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os seguintes professores:

Prof. Renato Viana Boy
Orientador

Prof. Celso Taveira

Prof. Ivan Antônio de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de História

Parecer

A Comissão Avaliadora, composta pelos professores **Ms. Renato Viana Boy Dr. Celso Taveira. Dr. Ivan Antônio de Almeida**, da Monografia de Bacharelado de **Marina de Oliveira Furlan**, intitulada “**A necessidade do pecado: Pelágia de prostituta a santa**”, reunida no dia ____ / ____ / 2007, às _____ horas, no ICHS, resolveu conferir ao trabalho a nota _____ (_____), à luz do seguinte parecer: “

_____”.

Aos meus queridos pais, professor Celso Taveira e Renato Viana Boy.

RESUMO

Monografia de Bacharelado que tem por objeto de estudos a *Vida* de Pelágia, prostituta que viveu em Antioquia no século IV e foi considerada santa pelos cristãos do Oriente. Trata-se da análise de uma fonte típica do cristianismo oriental, apresentando entretanto, particularidades que a torna diferenciada: a prostituta, que se apresenta como um monge eunuco após sua conversão. Seu estudo possibilita um melhor entendimento de uma importante manifestação da religiosidade cristã dos primeiros séculos, o ascetismo, a partir de um estudo hagiográfico.

ABSTRACT

This is a monograph for the Baccalaureate whose subject is the Life of Pelagia, prostitute who lived in Antioch in the 4th century and was considered saint by the eastern Christians. It's an analysis of a typical source of eastern Christianity, showing, however, particularities that distinguishes it: a prostitute, who presents herself as a eunuch monk after her conversion. Its study allows a better understanding of an important Christian religiosity demonstration of the early centuries, the asceticism, through a hagiographic study.

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1 - Pelágia	16
Capítulo 2 – Hagiografia e Sinaxário	33
Capítulo 3 - Contexto histórico e geográfico	39
Capítulo 4 - A espiritualidade siríaca e o monaquismo no Oriente sírio e Egito	45
Conclusão	57
Bibliografia	60

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem como objetivo o estudo da Vida de Pelágia, prostituta que viveu em Antioquia no século IV e se tornou santa no cristianismo ortodoxo do oriente. Através do estudo de sua vida, poderemos ter uma visão geral da espiritualidade siríaca nos primeiros séculos do cristianismo e, em especial, suas singularidades.

Para a elaboração desse trabalho, nossas fontes primárias são constituídas na verdade por traduções dos documentos originais, que são as vidas dos santos. A principal fonte que utilizaremos é a *Vida* de Pelágia, escrita pelo diácono do bispo Nonnos, Jacob, no final do século IV que se encontra numa tradução para o inglês no livro *Holy Women of the Syrian Orient* de Sebastian P.Brock e Susan Ashbrook Harvey. Os demais textos utilizados serão “*O santo*” de Cyril Mango, nos ajudará na definição de santidade e na caracterização do santo bizantino em especial. “*The Christian Art of Byzantine Syria*” de Ignácio Peña, nos auxiliará na definição geográfica da região que concentraremos nosso estudo.

Para entendermos os mecanismos para um estudo de hagiografias, utilizaremos Michel de Certeau como referencial de metodologia. Segundo esse autor, a hagiografia possui um enorme repertório de temas que freqüentemente vêm sendo explorados por historiadores. Ele distingue tais

temas em: um tipo demoníaco, que localiza as imagens do diabo e suas metamorfoses num combate celeste; um tipo histórico que repete, desenvolve e ilustra os signos fornecidos pelo Antigo e Novo Testamento; um tipo ascético e moral, que se organiza em torno da pureza e da culpabilidade e que repete as representações de saúde e de doença. Em nosso estudo, concentraremos as análises nesse último tema.

Porém, o texto hagiográfico pode ser usado pelo historiador para outros fins, não somente para descobrir os feitos do santo. Tal texto pode fornecer informações autênticas da vida cotidiana bizantina, sendo indagada diversas vezes por historiadores da sociedade e da economia, por exemplo. Na hagiografia podemos inclusive encontrar alguns ideais da mentalidade bizantina. Como exemplo, Cyril Mango cita a Vida de Matrona que viveu no século V, que teria fugido do marido que a tratava mal e fundou um mosteiro feminino em Constantinopla, onde foi atormentada por demônios em seus sonhos. No final da vida teve uma visão da Virgem Maria no Paraíso e recebeu assim a graça por sua santa conduta. A história de Matrona nos leva a pensar se a sua santidade se deve à perseguição que ela sofreu por parte do marido ou ao fato dela ter fundado um mosteiro feminino e dentro dele ter criado uma forma particular de disciplina.

O título de nosso trabalho foi escolhido tomando como base a *Vida* do objeto principal da pesquisa, ou seja, Pelágia, uma mulher que de prostituta, vivendo uma vida considerada pecaminosa, se converteu tornando-se santa

para os cristãos orientais. Nesse caso, o fato de ter vivido na prostituição antes de se converter é um fator de grande relevância em sua trajetória, pois a superação de um tipo de vida ligada aos prazeres terrenos antes de se tornar uma santa ascética é um elemento de destaque na narrativa de sua *Vida*. Por isso da escolha do título “A necessidade do pecado: Pelágia, de prostituta a santa”. A questão da “necessidade” do pecado pode ser aplicada não somente para a *Vida* de Pelágia, mas a todos os santos, pois mesmo que uma pessoa não tivesse uma vida relacionada diretamente ao pecado, somente seus pensamentos de desejo sexual, sua vida de conforto de um lar, de abundância de comida e bebida, serviam como motivos para que abandonasse tudo e fosse viver uma vida de renúncia total, visando sua purificação e proximidade com Deus. Por isso que encontramos nas hagiografias orientais tantas formas de mortificação, vistas como uma maneira de se libertar de uma oportunidade de pecar.

Um estudo sociológico do início dos anos 1950 mostrou a existência de 2.489 santos (homens) conhecidos no cristianismo latino, dentre os quais apenas 3% eram oriundos de camadas inferiores, as quais, no entanto, representavam cerca de 80% da população no Ocidente (Ste. Croix, G.E.M., 1981: p.27). Não se trata apenas de um dado provocador. Levanta também uma questão da mais alta importância, qual seja, a do estudo dos motivos que podem ter provocado, ao longo da história na sua fase cristã, por um lado a vocação para a santidade de determinados indivíduos, como ela se manifestava

e como era reconhecida, e por outro, a profunda necessidade que diferentes sociedades e épocas demonstram ter deles.

A partir desses dados podemos formular três questões pertinentes às quais tentaremos responder ao longo do trabalho: qual a necessidade histórica do fenômeno da santidade, quais as reações da sociedade no seio da qual o santo se manifesta e finalmente qual o comportamento adotado pela instituição Igreja diante deles. Vale ressaltar o significado da palavra santo, o porquê da escolha de estudarmos o Oriente cristão e a Vida de Pelágia. Além disso, ressaltaremos também os mecanismos utilizados para que um fiel fosse reconhecido como se santa no cristianismo ortodoxo.

Como mostra o estudo mencionado acima, geralmente a história cristã do Ocidente tem se concentrado em um segmento particular da sociedade: homens e usualmente homens de camadas sociais e cultura superiores. Além disso, os relatos têm tendência para omitir menção de mulheres, especialmente aquelas de camadas baixas urbanas ou camponesas, bem como grupos minoritários. Nosso trabalho se concentrará na vida de Pelágia, uma prostituta que viveu na cidade de Antioquia no século IV e se tornou santa, o que fez de sua biografia um grande sucesso literário em todo mundo medieval. Há muitas histórias de mulheres que são pouco conhecidas, apesar de algumas terem sido figuras importantes no dia de sua comemoração ou de grande popularidade no culto medieval dos santos. Algumas histórias, apesar de serem lendárias no

caráter, nos revelam a importância da contribuição de mulheres para a vida religiosa de suas comunidades.

Voltando ao estudo mencionado anteriormente, outro aspecto a ressaltar acerca dele é que historiadores, na maior parte das vezes, têm enfatizado fontes em grego e latim, com a exclusão de outras contribuições, como por exemplo, as fontes do Oriente em língua siríaca. Nosso estudo se concentra mais especificamente na cidade de Antioquia.

A palavra *santo*, derivada do epíteto latino *sanctus*, do grego *hagios* e do hebraico *qdôsh* (ATTWATER, 1991, p.10), é aplicada, segundo *The Oxford Dictionary of Bizantium*, a pessoas que possuem como características sua luta constante contra demônios e sua capacidade de realizar milagres (KAZHDAN, 1997: p. 1828). Segundo a *Enciclopédia Espasa-Calpe*, o santo é aquele que é perfeito e livre de toda culpa, que possui especial virtude e exemplo. Cabe então perguntar: o que é o demônio e o que é a culpa? Porém, segundo Susan Ashbroock Harvey e Sebastian P. Brock, embora algumas vidas de santas às vezes dêem a impressão de que o santo nasceu num estado de perfeição ou predestinado para isto, existem muitas vidas santas que tratam de pessoas que alcançaram este estado depois dos mais tortuosos caminhos (HARVEY e BROCK, 1998: p.24), como o caso de Pelágia.

Para que uma pessoa se tornasse um santo era necessário pelo menos o consentimento da Igreja local. O reconhecimento oficial é chamado de canonização, que reconhece que a pessoa foi santa durante a vida, ou seja, que

teve uma vida dedicada ao bem e vivida num nível heróico de fidelidade, constância e integridade cristãs.

A canonização no Ocidente ficou reservada para a Sé Romana a partir do pontificado do papa Alexandre II (1061-1073). No Oriente ortodoxo, o processo de canonização foi e é menos rigoroso que na Igreja Romana. Nele, até mesmo o imperador Constantino no século IV, que só se converteu ao cristianismo em seu leito de morte, foi canonizado.

Em Bizâncio, não houve um processo formal de canonização até muito tarde na sua história. Muitos dos santos como, por exemplo, São Jorge, São Teodoro, eram tidos como sucessores dos antigos deuses e heróis locais. Entretanto, após o advento do cristianismo, características de culturas pagãs passaram a ser incorporadas a elementos cristãos, dando à história da humanidade um só caminho: o do reino da graça, oposto ao reino da Lei, e exemplificado por homens nos quais Deus pusera a sua complacência e que, depois das fileiras dos anjos, constituíam a corte de Deus (MANGO, 1998: p.243). Essa afirmação é questionável para a história de Bizâncio, onde o poder político de natureza autocrática possuía também um caráter religioso. Além disso, o elemento cronológico era irrelevante; os apóstolos viviam numa comunhão atemporal com as vítimas das perseguições dos séculos II, III, IV, e com os heróis da luta contra o Iconoclasmo nos séculos VIII e IX.

Não se sabia nada de preciso a respeito dos santos, somente que muitos haviam sido torturados e mortos por tiranos na época em que os cristãos eram

perseguidos. Como já foi dito anteriormente, até a viragem da época medieval, a Igreja ortodoxa oriental não teve um processo regular de canonização. Teoricamente, a santidade era conferida por Deus, não por uma comissão constituída por homens, e eram geralmente os milagres póstumos que a manifestavam e eram reconhecidos por parte da população. Porém, observando o processo, o que se vê é que a fase final da canonização consistia na inclusão do santo no calendário litúrgico (sinaxário), cuja redação mais completa e autorizada era da Igreja de Constantinopla. Trata-se de uma redação muito grande, enumerando cerca de 2000 santos e indicando em qual igreja da capital onde se celebrava o ofício comemorativo do santo, denominado *synaxis*.

Eusébio de Cesareia, na última parte de sua *História Eclesiástica*, desenvolveu uma longa série de heróis corajosos e inamovíveis. Foram, então, construídos para eles os *martyria*, lugares consagrados à sua memória, sendo os seus nomes inscritos nos calendários comemorativos, o que destacava ainda mais a santidade dessas pessoas (MANGO, 1998: p. 244). Era dever de todo bom cristão dar testemunho de Cristo. O significado de testemunho podia alargar-se e incluir várias formas de padecimento e renúncia, porque o martírio era um dom especial ou uma graça particular conferida por Deus. A passagem do mártir ao monge, foi em grande parte preparada por Orígenes no século III (MANGO, 1998: p.245).¹ Orígenes tratou de questões referentes aos

¹ Vale ressaltar que Orígenes foi professor da Escola de Alexandria em 202, foi excomungado e refugiou-se em Cesaréia, onde continuou sua carreira de professor. KAHZDAN, Alexander P. **The Oxford Dictionary of Byzantium**. New York: Oxford University Press, 1991. p. 1534.

sacramentos, doutrinas de anjos e demônios, alma e pecado. Além disso, o martírio era apenas um momento, ao passo que o testemunho do monge era constante e durava até a hora da morte.

Também o monge, em sentido metafórico, era um soldado, só que a luta não era travada contra um Estado iníquo, como acontecera com os mártires, mas contra os poderes invisíveis das trevas: os demônios que de muitas maneiras assaltam os seres humanos para impedir a sua salvação.

Diversos homens e mulheres, antes de se tornarem santos, se isolaram para estarem mais próximos de Deus e para enfrentar os demônios que os atacavam. No caso de Pelágia, ela se refugiou no Monte das Oliveiras em Jerusalém, se trancando dentro de uma cela ficando ali até sua morte.

Encerrando essa parte de nossa exposição, podemos resumir o porquê da escolha de estudar o Oriente cristão: pelo fato de que é nessa sociedade que surgiu o fenômeno histórico do santo nos primeiros séculos do cristianismo, assim como é ali também que teve origem um fenômeno interligado a este, que é o monaquismo, assunto que abordaremos no capítulo IV. Analisaremos um caso específico de santidade, o de Pelágia, que também se apresentou à sociedade cristã de sua época como um monge após sua conversão.

1-PELÁGIA

Neste capítulo faremos uma análise do processo que transformou Pelágia, nosso objeto de estudos, em uma santa no cristianismo ortodoxo. As informações aqui apresentadas foram retiradas de sua *Vida*, já citada na Introdução. A elaboração dessa obra foi o trabalho de Jacob, o diácono do bispo Nonnos, de Edessa, que efetuou a sua conversão. Pelágia foi uma famosa prostituta que viveu na cidade de Antioquia, no final do século IV.

A *Vida* de Pelágia foi um grande sucesso literário de sua época e serviu como ponto inicial para um grande número de textos hagiográficos antigos. Existem várias traduções, deste trabalho, o que o tornou muito popular também no Ocidente durante toda Idade Média. Iniciemos então a análise dessa obra. O arcebispo de Antioquia reuniu na cidade oito bispos da região para resolver alguns negócios da Igreja. Dentre os oito estava o bispo Nonnos, já citado anteriormente, acompanhado de seu diácono Jacob. O arcebispo, após a saudação inicial, pediu para que os bispos presentes se acomodassem no altar da Igreja, local onde os ossos do mártir Júlio estavam preservados.

Os bispos conversavam sobre diversos assuntos, quando uma rica prostituta, líder de uma trupe de atores, passou por eles. A prostituta apareceu diante deles assentada em um burro adornado com pequenos sinos e na frente dele corriam os criados de Pelágia. Ela estava enfeitada com ornamentos de ouro, pérolas e todo tipo de pedras preciosas, resplandecente em roupas luxuosas e caras. Em suas mãos e pés tinha pulseiras, sedas e tornozeleiras,

enquanto ao redor de seu pescoço estavam colares, cordões, pingentes e pérolas. Sua beleza estonteava aqueles que a olhavam, fascinando-os de desejo. Jovens garotos e garotas a acompanhavam de maneira arrogante. Eles também estavam adornados com cintos dourados e tinham cordões de jóias ao redor de seus pescoços. Alguns corriam na frente dela enquanto outros a escoltavam com grande pompa. (BROCK & HARVEY, 1998: p. 43).

Quando a prostituta passou pelos bispos, o aroma de seu perfume atingiu a todos. Os bispos ficaram espantados com ela e suas roupas, e também com o esplendor do seu cortejo. Além disso, Pelágia passou por eles com a cabeça descoberta e com os ombros a mostra. Ela estava toda maquiada (BROCK & HARVEY, 1998: p. 43). Tal caracterização tinha como objetivo atrair a atenção, principalmente dos homens, e ele foi atingido, chamando a atenção de Nonnos e dos outros bispos.

Os bispos olharam para ela e imediatamente desviaram o olhar como se ela fosse uma fonte de pecado. Porém, o bispo Nonnos a observou cuidadosamente e encheu-se de admiração pela sua beleza. Uma vez que ela passou na frente deles, ele colocou sua cabeça entre os joelhos e chorou com grande sentimento. Lamentando muito por ela, o bispo Nonnos suspirou e disse a seus bispos companheiros: “To be honest, fathers, did not the beauty of this prostitute who passed in front us astonish you?” (BROCK & HARVEY, 1998: p. 43).²

² “Para ser honesto, padres, não é a beleza desta prostituta que passou em nossa frente que espantou vocês?” (Tradução nossa).

Eles ficaram calados e o bispo Nonnos continuou suspirando, batendo em seu peito, profundamente comovido e chorando tanto que, segundo o texto da *Vida* de Pelágia, até mesmo suas roupas teriam ficado ensopadas com suas lágrimas. Após ter chorado muito, Nonnos disse a seus companheiros:

I beg you, my brothers, tell me, did you lust in your minds after the beauty of that prostitute who passed in front us? And did you suffer for her? I myself was greatly astonished at her beauty and suffered because of her ornaments, which were a baited snare for all who beheld her, a stumbling block leading to perdition. In my weakness I beseech and supplicate God to turn her to a life of truth and to let her stand chastely before the awful throne of his majesty (BROCK & HARVEY, 1998, p. 43).³

Essa passagem demonstra que a beleza de Pelágia chamou a atenção de Nonnos e que ele presumiu que os outros bispos também ficaram atraídos, mesmo eles não tendo dito nada a respeito. Ele falava aos outros a partir de um sentimento de desejo que ele sentiu e presumpôs ter sido compartilhado por todos.

O bispo Nonnos continuou a falar com seus companheiros a respeito da prostituta, a condenando por utilizar tantos ornamentos na intenção de atrair a atenção dos homens e causar grande mal a eles, seduzindo-os e explorando-os financeiramente com seu trabalho considerado desonesto. Nonnos ainda disse para seus companheiros que eles deveriam adornar seus corpos e almas para Deus e que até mesmo aquela prostituta deveria ser instigada para agradar o Senhor em seu embelezamento. Ele ressaltou que todos deveriam dar mais

³ “Eu suplico a vocês, meus irmãos, digam-me, vocês desejaram em suas mentes a beleza daquela prostituta que passou em nossa frente? E vocês sofreram por ela? Eu mesmo fiquei grandemente espantado com sua beleza e eu sofri por causa de seus ornamentos, os quais eram uma armadilha para todos que olhavam para ela, um conjunto errado levando para perdição. Em minha fraqueza eu implorei e supliquei a Deus para volta-la para uma vida de verdade e para deixa-la levantar-se puramente diante do trono de sua majestade” (Tradução nossa).

atenção para suas almas se esforçando para adorná-la com bons hábitos para que Deus pudesse habitar dentro deles (BROCK & HARVEY, 1998: p. 44).

Após ouvirem as palavras do bispo Nonnos, os demais bispos, emocionados, levantaram-se e retornaram para o lugar onde estavam hospedados. Nonnos e seu diácono Jacob fizeram o mesmo.

Quando chegou ao lugar onde estava hospedado, Nonnos atirou-se ao chão e, chorando, começou a falar com Deus se condenando por ter se encantado com a beleza de Pelágia e dizendo novamente que aquela mulher havia empregado todo esforço na tentativa de agradar Satanás e os homens que a procuravam. O bispo, nessa súplica a Deus, dizia que não tinha esperança de salvação, mesmo tendo dedicado sua vida a Deus, mas continuou a implorar para que a acolhesse em sua glória divina e que Ele também pudesse modificar aquela prostituta de acordo com sua vontade, para que ela pudesse ser chamada quando precisasse. (BROCK & HARVEY, 1998: p.46).

Nonnos gastou todo aquele dia em prece, jejuando e exaltando a Deus. No dia seguinte, o bispo Nonnos chamou seu diácono Jacob e contou a ele que havia tido um sonho, no qual um pombo sujo de lama e fétido sobrevoava sua cabeça e desaparecia. Após o pombo reaparecer, Nonnos o teria agarrado e o mergulhado em uma bacia com água. Então, o pombo emergiu da água, livre de toda impureza e foi embora imediatamente para as alturas até que não pudesse mais ser visto. Nonnos disse a seu diácono Jacob que ele creditava

que tal visão pudesse acontecer em verdade, de acordo com a vontade de Deus (BROCK & HARVEY, 1998: p. 46).

Após esta conversa com Jacob eles seguiram para a Igreja, juntamente com os sete outros bispos. Chegando lá, saudaram o arcebispo de Antioquia e este então, pediu ao bispo Nonnos para que pregasse a respeito do santo Evangelho. Segundo a narração da Vida, Nonnos teria proferido a palavra de Deus de forma gloriosa, deixando todas as pessoas que o ouviram comovidas e emocionadas (BROCK & HARVEY, 1998: p. 47).

Neste dia, ainda segundo a *Vida* de Pelágia, através da misericórdia de Deus, a prostituta teria ficado com seus pensamentos extremamente perturbados e contra seus costumes, foi à Igreja. Juntando-se a outras mulheres, que não eram prostitutas, ela entrou na Igreja e começou a ouvir as palavras do bispo Nonnos. Pelágia também teria ficado extremamente comovida e sua consciência pesada. Chorava e soluçava, e entre suspiros lembrava de todos os seus pecados. Seus gemidos teriam ficado tão altos que todos a olharam e a reconheceram como a famosa prostituta da cidade. As pessoas comentavam entre si:

It really is the sinful woman, and she's been converted by the teaching of the God-loving and holy bishop Nonnos. She, who never paid the slightest attention to her sins, has all of sudden come to penitence; she who never used to come to church, all of a sudden has had her mind turned to religion and to prayer as a result of the divine words she has heard from the mouth of the holy bishop Nonnos (BROCK & HARVEY, 1998, p. 47-48).⁴

⁴ “Realmente é a mulher pecaminosa, e ela está sendo convertida pelo ensinamento do Deus de amor e santo bispo Nonnos. Ela, que nunca deu atenção para seus pecados, tem tudo de uma súbita vinda para a penitência; ela que nunca usou vir à Igreja, tudo de súbito que teve em sua mente voltou-se para a religião e para orar como resultado das palavras divinas que ela ouviu da boca do santo bispo Nonnos”.(Tradução nossa).

Chama a atenção o fato de a presença da prostituta não ocasionar repreensão por parte dos fiéis presentes na igreja. Ao contrário, o que se percebe é uma demonstração de um sentimento de admiração por ela ter se comovido com a pregação do bispo do Nonnos e decidido frequentar o culto cristão.

Após ter chorado muito, Pelágia saiu da Igreja e chamou dois de seus criados, dizendo a eles que esperassem a Igreja fechar e que quando o bispo Nonnos saísse que perguntassem cuidadosamente onde ele estava hospedado. (BROCK & HARVEY, 1998: p. 47).

Pelágia, arrependida de seu passado, estava agora cheia de compaixão. Impulsionada pelo arrependimento, ela anotou numa placa de cera uma mensagem com uma súplica a respeito de sua salvação. Ela enviou esta mensagem para o bispo Nonnos pelas mãos de seus empregados. A mensagem dizia:

To holy bishop Nonnos, from the sinful woman Pelagia who is a disciple of Satan, many greetings. I supplicate your saintly feet, my lord, for I have now heard something about the God whom you love with all your heart: how he bent down his majesty toward us and descended from heaven to earth-and this was not for the sake of the righteous, but in order to save sinners in his mercy. This is what I gather the Christians say, that he, upon whom the cherubim and seraphim dare not look in heaven, has sat down and eaten and drunk with tax collectors and sinners, out of his love, during, the time he appeared on earth end went around amongst us in human body, as you yourself know, holy sir, even though you did not see him with the physical eye. He spoke with the Samaritan woman at the water well, with the Canaanite woman who cried out after him, with the woman who was smitten with illness, whom he healed, with Mary and Martha whose brother he raised. He did all this, as I have heard from Christians, and now, my lord, if you are the disciple of this God who has done all this, do not reject me or turn me away when I ask to appear before you and see you in person, in case there is a possibility that

I might be saved at your hands. You might thus take some pride in me the sinner if I were to become a disciple of your health-giving instruction (BROCK & HARVEY, 1998: 48-49).⁵

Esta e outras passagens mostram que Pelágia tinha certo conhecimento de passagens das Escrituras. Porém, a fonte descreve que ela não freqüentava a igreja e que ela só se interessou pela religião a partir do momento que ouviu o sermão do bispo Nonnos, o que supostamente não seria suficiente para ela pudesse argumentar com ele. A fonte não deixa explícito como Pelágia havia adquirido tal conhecimento sobre a Bíblia. Podemos levantar a hipótese de que ela teria adquirido algum conhecimento antes de se tornar prostituta, pois a fonte descreve uma passagem na qual o bispo Nonnos pergunta a ela seu nome e ela diz que seus pais a chamavam de Pelágia, embora a sociedade a chamava de Margarita (BROCK & HARVEY, 1998: p. 52). Após Pelágia renunciar a seus pecados o bispo Nonnos perguntou seu nome para que pudesse oferecer a Deus. Pelágia respondeu que seus pais verdadeiros a chamava por este nome, mas a cidade inteira de Antioquia, onde ela havia nascido, a chamava de Margarita, que significa perolada, devido à grande quantidade de jóias que ela usava (BROCK & HARVEY, 1998: p.52). Então, podemos supor que talvez

⁵ “Para o santo bispo Nonnos, da mulher pecadora Pelágia, que é uma discípula de Satanás, muitas saudações. Eu suplico a seus santificados pés, meu senhor, para eu ouvir agora alguma coisa sobre o Deus que você ama com todo seu coração: como ele curvou sua majestade próxima de nós e desceu do céu para a terra-e isto não foi só para o bem dos justos, mas em ordem para salvar pecadores em sua misericórdia. Isto é o que eu concluo do que diz os cristãos, que ele, sobre o querubim e o Serafim não ousou olhar no céu, sentou, comeu, e bebeu com os cobradores de impostos e pecadores, por seu amor, durante o tempo que ele apareceu na terra e esteve entre nós num corpo físico. Ele falou com a mulher Samaritana, com a mulher Canaanita que chorou depois dele, com a mulher que era atormentada por doenças, que ele curou, com Maria e Marta cujo irmão ele educou. Ele fez tudo isso, como eu ouvi dos cristãos, e agora, meu senhor, se você é o discípulo deste Deus que fez tudo isso, não me rejeite ou me mande embora quando eu pedir para aparecer diante de você pessoalmente, no caso existe uma possibilidade que eu poderia ser salva por suas mãos. Você poderia assim ter algum orgulho de mim pecadora se eu me tornasse discípula de seu ensinamento.”(Tradução nossa).

ela tenha adquirido aprendizado religioso quando ela ainda vivia em um ambiente familiar, onde pode ter tido contato com a religião cristã.

O bispo Nonnos escreveu à prostituta dizendo que Deus estava ciente do que ela era e que examinava com cuidado sua vontade e seus pensamentos. Disse ainda que não poderia encontrá-la sozinho, e que ela deveria falar não somente com ele, mas também com os sete outros bispos ali reunidos (BROCK & HARVEY, 1998: p.49). A fonte nos permite perceber que o bispo Nonnos teria ficado muito perturbado ao ver Pelágia. Uma passagem do texto descreve que após vê-la, ele retorna ao lugar onde estava hospedado e se coloca em oração, suplicando o perdão de Deus (BROCK & HARVEY, 1998, p. 44). Podemos presumir que o bispo se recusa a encontrar Pelágia sozinho por esta oportunidade representar uma possibilidade de pecado. Levantamos a hipótese de que nesse caso, havia uma dupla motivação para tal receio: o fato de ficar só com uma mulher e, mais importante, essa mulher ser uma prostituta.

Recebendo essa resposta Pelágia dirigiu-se até o santuário do mártir Júlio. Assim que viu os bispos se aproximarem, ela se atirou ao chão e abraçou os pés do bispo Nonnos e começou a implorar misericórdia a ele, demonstrando grande arrependimento de seus atos do passado. Pelágia dizia ao bispo, tentando convencê-lo, que ele agisse como Cristo, que nunca abandonava os pecadores, mas ao contrário, tinha compaixão. E pediu que a batizasse dizendo:

Take from me my sins and wickednesses today, and through your prayers cast them away from me in the cleansing bath of your God's baptism. Stand up, I my lord, and invoke over me the name of the holy Trinnity; baptize me for the remission of my sins. Stand up, my lord, and strip off from me the dirty clothing of prostitution; clothe me with pure garments, the beautiful dress for the novel banquet to which I have come (BROCK & HARVEY, 1998: p. 50).⁶

Todos os bispos presentes se emocionaram com as palavras de Pelágia, porém o bispo Nonnos, após convencê-la a levantar-se, disse que não poderia ser batizada por ser uma prostituta e por não ter um padrinho. Pelágia ao ouvir essas palavras disse, chorando e gemendo, ao bispo que se ele não a batizasse e não a tornasse uma noiva de Cristo, ele estaria rejeitando a Deus, insistindo para que ele a libertasse daquela vida pecadora (BROCK & HARVEY, 1998: p.50). Mais uma vez, percebe-se neste trecho certo conhecimento da doutrina cristã por parte de Pelágia.

Diante da comoção da prostituta e dos outros bispos, Nonnos pediu a seu diácono Jacob que fosse até o arcebispo e contasse a ele o que havia acontecido, pedindo a ele para mandar uma diácona, se acaso permitisse o batismo de Pelágia. Jacob informou então o arcebispo sobre o acontecimento e este ficou extremamente comovido, dando permissão para o seu batismo. Este seria realizado pelo bispo Nonnos, ressaltando que tal fato edificaria toda a Igreja, pois ganharia mais uma fiel, demonstrando o poder de expansão de suas doutrinas. Além disso, essa atitude também agradaria a Cristo e traria

⁶ “Toma-me hoje de meus pecados e imoralidades, e através de suas preces lança para longe de mim no banho purificador de seu batismo de Deus. Levante, eu imploro, meu senhor, e invoque sobre mim o nome da santíssima Trindade; batize-me para remissão de meus pecados. Levante, meu senhor, e mande embora de mim a roupa indecente da prostituição; vista-me com roupas puras, o belo vestido para o novo banquete para o qual eu venho.” (Tradução nossa).

salvação para a vida da prostituta (BROCK & HARVEY, 1998: p. 51). O arcebispo convocou uma diácona chamada Romana para acompanhar Jacob e ser a madrinha de Pelágia.

Quando Jacob e Romana retornaram ao santuário do mártir Júlio, onde estavam os bispos reunidos, encontraram Pelágia ainda aos pés de Nonnos e chorando. Romana a convenceu e se levantar e o santo bispo Nonnos deu as instruções para preparar tudo que precisava para a realização do batismo. Então, Nonnos dirigiu-se até a prostituta e disse: “Open your mouth and acknowledge God; renounce your sins before him” (BROCK & HARVEY, 1998: p. 52)⁷.

Chorando Pelágia respondeu:

If I examine myself thoroughly, I cannot find a single good deed that I have done. I know that my sins are heavier and more numerous than all grains of sand on the seashore; and all sea's water is not sufficient to wash away my wicked and evil deeds (BROCK & HARVEY, 1998: p.52).⁸

Pelágia mais uma vez renunciou a Satanás e a mentira e admitiu a Deus. Feito isso, o bispo Nonnos a batizou e sua mãe espiritual, a diácona Romana, acompanhou a cerimônia.

Para comemorar o batismo, os bispos, Pelágia e sua mãe espiritual se reuniram para jantar. É narrado na *Vida* que o Satanás teria aparecido diante deles, insultando o bispo Nonnos:

⁷ “Abra sua boca e reconheça Deus; renuncie seus pecados perante ele”. (Tradução nossa).

⁸ “Se eu avaliar a mim mesma completamente, eu não posso encontrar uma única boa ação que eu tenha feito. Eu reconheço que meus pecados são mais pesados e muito mais numerosos que os grãos de areia na praia; e toda água do mar não é suficiente para lavar minhas imorais e más ações.” (Tradução nossa).

And now you've gone and captured from me this seductive lady and baptized her, removing her from my service and offering her to your God. Weren't you satisfied with the pagans you enticed away from me, converting them and donating them to your God? (BROCK & HARVEY, 1998: p. 54)⁹.

Depois de falar com Nonnos, ele teria se voltado para Pelágia e começou a questioná-la: “Why have you turned against me and tricked me like this? Why have you done this to me and jilted me, just because of a few misleading words from this ill-starred old man?” (BROCK & HARVEY, 1998, P. 54)¹⁰ O satanás ainda teria ameaçado Pelágia, dizendo que ele traria grande mal a ela se ela não renunciasse a Deus e voltasse a servi-lo (BROCK & HARVEY, 1998, p. 54).

O bispo Nonnos, vendo a aflição de Pelágia, ordenou a ela que repreendesse satanás e que não tivesse medo dele e assim ela fez. Porém, dois dias depois, enquanto Pelágia dormia, o satanás teria voltado a aparecer e mais uma vez tentou convence-la a voltar a servi-lo e mais uma vez ela o mandou embora dizendo que Deus havia a transformado em uma noiva para o casamento celeste.

Apesar de uma narração fantasiosa, encontra-se aqui uma idéia típica de textos hagiográficos: o encontro do santo com o demônio. O santo, ao se isolar, é desafiado pelo demônio que tenta desviá-lo de sua conduta. No caso

⁹ “E agora você foi e capturou de mim esta sedutora mulher e a batizou, removendo-a de meu serviço e a oferecendo para seu Deus. Você não ficou satisfeito com os pagãos que você atraiu para longe de mim, os convertendo e os doando a seu Deus?” (Tradução nossa).

¹⁰ “Por que você se voltou contra mim e me trapaceou assim? Por que você fez isto comigo e me rejeitou, exatamente por causa de algumas iludidas palavras deste homem velho?” (Tradução nossa).

de Pelágia, há um diferencial, pois ela é desafiada logo após sua conversão, antes mesmo de sua reclusão.

No dia seguinte Pelágia mandou chamar um de seus criados e pediu a ele que fosse até sua casa, onde nunca mais tinha voltado após seu batismo, e que fizesse um inventário de todos os bens que ela possuía (jóias e seu rico guarda-roupa). Quando seu criado retornou com a lista de seus bens, ela pediu a diácona Romana que dissesse ao bispo Nonnos para fosse encontrá-la, oferecendo seus bens:

My lord, here is the wealth that Satan has bestowed upon me as a result of the sin of prostitution. From now on, my lord, it is entrusted to you care: do with it whatever you want. As far as I am concerned, from today on Christ's riches that were granted to me at your hands are sufficient for me; I have grown rich many times over through them (BROCK & HARVEY, 1998: p. 56).¹¹

Após doar todos os seus bens a Igreja, ela demitiu seus servos, dando a cada um deles um presente e a recomendação para que eles agora pudessem libertar suas almas da escravidão do pecado.

Nonnos, na presença de Pelágia, entregou os bens nas mãos do administrador da grande Igreja de Antioquia e recomendou a ele que não deixasse se corromper por aquela riqueza e que não deixasse que ela entrasse na casa de nenhum bispo. Aquela riqueza, segundo o bispo Nonnos, foi conquistada através do pecado e da imoralidade e de agora em diante deveria ser fornecida para ajudar os órfãos, pobres e viúvas. O administrador seguiu as

¹¹ “Meu senhor, aqui está a riqueza que Satanás concedeu a mim como resultado do pecado da prostituição. De agora em diante, meu senhor, ela é confiada a seu cuidado: faça com ela tudo que você quiser. Ao que me consta eu estou interessada, de hoje em diante nas riquezas de Cristo que foram concedidas a mim por suas mãos são suficiente para mim; eu me tornei rica muitas vezes através delas”. (Tradução nossa).

instruções do bispo e todos ficaram espantados com o benefício que aquela nova “noiva de Cristo” realizou com esta ação.

Após Pelágia, muitas outras prostitutas também se voltaram para a castidade, sendo convertidas pelo seu exemplo. As chamadas “noivas de Cristo”, denominadas por Tertuliano, eram mulheres que realizavam a renúncia sexual, um dos tipos de ascese do cristianismo oriental. Elas representaram um distinto grau de santidade dentro da comunidade cristã.

Segundo Chidester:

“Supported by the charity of church, the virgins were honoured as living exemplars of a holy Christian life. In return for food, lodging and others gifts, the virgins were expected to remain constant to their lives” (CHIDESTER, 2000, p. 122.).¹²

Nos sete dias seguintes ao seu batismo, Pelágia jejuou e se manteve vestida com a túnica batismal. No oitavo dia, que era um domingo, ela tirou sua roupa batismal e se vestiu com trajes comuns. Antes que a segunda-feira amanhecesse, ela se levantou, foi até o bispo Nonnos e pediu a ele que lhe desse algumas de suas roupas. Chama a atenção o fato de o bispo ter recebido Pelágia tão cedo e, aparentemente, sozinho, uma vez que ele teria negado tal encontro sozinho antes de sua conversão.

O bispo consentiu seu pedido e lhe deu uma camiseta e um manto de lã. Ela vestiu a roupa masculina, pediu sua bênção e revelou a ele todos os seus planos. Naquela noite, vestida como homem, foi embora secretamente. O

¹² “ Sustentadas pela caridade da Igreja, as virgens foram honradas como exemplos vivos de uma vida santa cristã. Em troca de comida, quarto e outros presentes, as virgens esperaram para permanecer constantes a seus votos através de suas vidas.”(Tradução nossa).

bispo Nonnos manteve o segredo e não contou nada a respeito do ocorrido nem mesmo para seu diácono Jacob. No outro dia, todos ficaram apavorados com o desaparecimento de Pelágia, principalmente Romana, sua mãe espiritual. Então, Nonnos a consolou dizendo que Pelágia havia escolhido o caminho certo. Tudo isso aconteceu em Antioquia. (BROCK & HARVEY, 1998: p. 58).

Três anos depois, o diácono Jacob sentiu uma grande vontade de ir orar em Jerusalém. Ele então se aproximou do bispo Nonnos e pediu sua permissão. Após consentir a ida de Jacob o bispo deu a ele uma recomendação:

When you reach the holy place of Jerusalem, remember me there in your prayer-in all those sacred sites that our Lord visited. And afterward be sure to make inquires there about a certain monk Pelagios, a eunuch; when you have ascertained he is there, go and see him, for there is much that you can benefit from him. For truly he is a true and faithful servant of God, a monk who is perfect in his service. (BORCK & HARVEY, 1998: p. 59)¹³

Após ter doado seus bens, vestido roupas masculinas e saído de Antioquia, Pelágia assumiu a identidade de um monge eunuco, Pelagios, ao qual o bispo Nonnos se refere na citação acima.

O eunuco se priva do pecado da carne pela castração. Pelágia, apesar de não ter realizado uma castração física, se apresenta para a sociedade como um homem eunuco, o que torna sua mortificação ainda mais singular. Quanto maior o sofrimento do ascético, maior seu destaque entre os peregrinos.

¹³ “Quando você chegar no lugar santo de Jerusalém, lembre-se de mim em sua prece-em todos aqueles lugares sagrados que nosso Senhor visitou. E depois seja firme para fazer perguntas sobre um certo monge Pelagios, um eunuco; quando você descobrir onde ele está, vá e o veja, pois você pode se beneficiar muito com ele. Pois realmente ele é um verdadeiro e fiel servo de Deus, um monge que é perfeito em seu serviço”. (Tradução nossa).

Jacob, chegando em Jerusalém, orou e visitou todos os lugares santos, depois buscou informação sobre o tal monge Pelagios que o bispo Nonnos havia falado. Ele descobriu que o monge vivia no Monte das Oliveiras, lugar onde Cristo orava com seus discípulos. Assim, Jacob foi até lá e descobriu a cela onde o monge ficava. Pelagios era muito conhecido naquela área e possuía grande admiração entre a população. Jacob aproximou-se da cela e percebeu que não havia porta, enxergando apenas uma pequena janela. Ele bateu na janela e Pelagios a abriu, o cumprimentou com muita humildade e beijou suas mãos. Jacob não percebeu que o tal monge Pelagios era na verdade Pelágia, a prostituta que havia sido convertida por seu bispo Nonnos. Pelágia havia perdido aquela bela aparência que deixava os homens atônitos. Jacob descreve a aparência de Pelágia da seguinte maneira:

(...)her laughing and bright face that I had known had become ugly, her pretty eyes had become hollow and cavernous as result of much fasting and keepings of vigils. The joints of her holy bones, all fleshless, were visible beneath her skin through emaciation brought on by ascetic practices (BROCK & HARVEY, 1998: p. 60).¹⁴

Pelágia reconheceu o diácono e perguntou a ele se o bispo Nonnos ainda era vivo. Jacob respondeu que sim e disse que havia sido ele que havia pedido para procurá-la. Após essa conversa, Pelágia o abençoou, e entrou novamente para o fundo de sua cela, se pondo a cantar e louvar a Deus. Jacob partiu extremamente comovido pelo modo de vida virtuoso daquele “homem” de Deus (BROCK & HARVEY, 1998: p. 60).

¹⁴ “(...) sua face risonha e brilhante que eu havia conhecido tornou-se feia, seus belos olhos tornaram-se vazios e cavernosos como resultado de muitos jejuns e vigílias. As juntas de seus santos ossos, todas suas carnes, estavam visíveis sob sua pele através da magreza causada pelas práticas ascéticas”. (Tradução nossa).

Jacob continuou suas visitas aos mosteiros da cidade santa, ouvindo várias histórias das virtuosas ações do monge Pelágios. Ainda em Jerusalém, ele ouviu a notícia de que o monge Pelágios, havia adormecido, ou seja, falecido. Segundo o texto da *Vida*, o diácono ficou cheio de alegria e deu graças ao Senhor por ter tido a oportunidade de receber uma benção daquele santo homem (BROCK & HARVEY, 1998: p. 60).

Os mosteiros ao redor de Jerusalém, de Jericó e da Transjordânia reuniram-se no Monte das Oliveiras para assistir o funeral de Pelágios. A população também subiu para acompanhar a procissão do funeral do monge.

Jacob juntamente com os bispos e todo clero de Jerusalém se aproximaram e abriram a cela de Pelágia. Eles removeram o corpo para fora e colocaram na carreta fúnebre. Quando os bispos foram ungir o corpo do monge, viram que se tratava de uma mulher. Todos ficaram espantados. Levantando suas vozes e chorando eles disseram: “Praise to you, my Lord; how many hidden saints you have on earth-and not just men, but women as well!” (BROCK & HARVEY, 1998: p. 61)¹⁵

Os bispos tentaram esconder este fato da população, mas não foi possível. Uma multidão de homens e mulheres levaram inúmeras velas e tochas e escoltaram seu corpo. Pelágia foi enterrada em meio a grande esplendor e dando graças a Deus. Segundo a narração da *Vida* as seguintes palavras do Evangelho de Mateus (Mateus 5:16) foram proferidas em sua

¹⁵ “Louvor a você, meu Senhor; quantos santos escondidos você tem na terra-e não somente homens, mas também mulheres!” (Tradução nossa).

homenagem: “Deixe sua luz brilhar perante os homens que eles poderão ver seus bons trabalhos e louvar seu Pai que está no céu”.(BROCK & HARVEY, 1998: p. 61)

A *Vida* de Pelágia é um típico caso de ascetismo no Oriente. Entretanto, existem nesse texto algumas características que o torna diferenciado: o fato de se tratar de uma prostituta convertida, de uma mulher se apresentar à comunidade dos fiéis como monge eunuco e recluso num local já então tido como santo na cultura cristã dos primeiros séculos. Nos próximos capítulos faremos uma análise de seu caso tomando como base as características presente dentro dessa prática tão comum nos primeiros séculos do Cristianismo.

2-HAGIOGRAFIA E SINAXÁRIO

Neste capítulo trataremos do significado das hagiografias e do sinaxário para o estudo das *Vidas* dos santos no Oriente. As hagiografias medievais vêm sendo objeto de estudo desde o século XVII, tendo como um dos seus primeiros pesquisadores Jean Bolland e seu grupo. Eles visavam principalmente a crítica das fontes e tentavam discernir o “verdadeiro” do “falso” nos velhos pergaminhos, ou seja, o que havia de caráter histórico e de caráter lendário nestes textos.

As hagiografias são textos que tratam da vida, martírios, transladações e milagres de homens, mulheres e crianças considerados santos e que se apresentam sob inúmeros gêneros de escrita, tais como os literários e martiriológicos. Um exemplo desses gêneros literários é o chamado Sinaxário, que já citamos anteriormente.

Segundo o verbete *Sinaxário* da *Enciclopédia Espasa-Calpe*, trata-se de um livro eclesiástico dos cristãos orientais que contém os discursos em louvor aos santos resumidamente, com uma sucinta exposição de suas festas no ano (ESPASA-CALPE, 1927: p. 485). A origem do nome sinaxário se deriva ou por ser composto por textos recolhidos de diversos livros ou por ler-se nas assembléias (*sinaxis*) religiosas. Nos catálogos de códices e inventários é freqüente aplicar o título de sinaxário aos menológicos (catálogo dos mártires) e outros livros que se lêem nas *sinaxis* (ESPASA-CALPE, 1927: p. 485).

Andréia Cristina L. Frazão da Silva afirma que muitas obras hagiográficas foram elaboradas a partir de documentos oficiais romanos, mas há obras que nasceram do testemunho daqueles que presenciaram martírios ou conviveram com os santos. Um exemplo são as *Vidas de Santos do Oriente* de João de Éfeso (século VI) que foram relatos da vida de homens e mulheres do Oriente Sírio que ele conheceu ou encontrou. Em vários casos as hagiografias sofreram um longo processo de formação oral sendo posteriormente fixadas por escrito.

A hagiografia medieval possui alguns traços que a caracteriza. Quanto aos objetivos: a liturgia, a edificação dos fiéis e a manutenção da memória dos homens santos. Quanto aos textos, são pontilhados de *topoi*, isto é, lugares comuns ou clichês tais como episódios de exorcismo, curas milagrosas, duelos com demônios e sonhos. Quanto ao narrado, o tempo é mais cíclico que linear, já que os relatos sobre a biografia dos santos são na realidade, um desenrolar de feitos maravilhosos e um inventário de virtudes vistas como atemporais. Não há preocupação em apresentar o que aconteceu, mas sim as manifestações divinas por meio dos santos. (SILVA, 1994: p.65)

Na maior parte das vezes, a hagiografia é a única documentação a respeito do santo. A hagiografia bizantina era um meio de comunicação, ou seja, uma maneira de se descobrir mais a respeito do santo de devoção (MANGO, 1998: p.250). A vida do santo era escrita geralmente quando ele atingia uma idade avançada ou depois de sua morte. Um de seus discípulos irá escrever sua biografia. Esse discípulo reúne as histórias que ouviu do próprio santo e de outras pessoas, sendo que, as origens do santo e o início de sua carreira muitas vezes acabavam caindo no esquecimento, sendo então inventada a partir de um modelo. A *Vida*, que será lida no dia do aniversário

do santo, terá como objetivo apresentar o indivíduo como um santo típico, com todas as virtudes, distinguindo-o do ser humano comum e de suas fraquezas.

A biografia de Pelágia foi escrita após sua morte por Jacob. Segundo esse texto, ela não tinha o costume de freqüentar a igreja. Mas sentiu uma vontade repentina de ir e, chegando lá, ouviu o sermão do bispo Nonnos. Não sabemos exatamente os motivos que a fizeram ir até lá.

Comovida com as palavras do bispo, Pelágia passou a implorar para que fosse batizada. A permissão do batismo foi concedida pela Igreja de Antioquia. A partir de então, Pelágia passou a viver uma vida de renúncia e oração, até que resolveu se vestir como homem e se refugiou no Monte das Oliveiras, permanecendo trancada numa cela pelo resto de sua vida. Somente após sua morte é que sua identidade feminina foi descoberta, edificando ainda mais sua santidade. Nossa fonte não deixa explícitos os motivos pelos quais ela se vestiu como homem. Pensamos na hipótese de que ela resolveu renunciar a sua identidade feminina para ser reconhecida como um homem eunuco, cuja principal característica é a castração, para tornar seu martírio ainda mais singular. Apesar de não realizar a castração física, ela se mostra à comunidade dos fiéis como um cristão que havia renunciado completamente aos apelos dos prazeres terrenos através de uma mutilação. Isso edificava ainda mais seu modo de vida.

A sobrevivência desses textos hagiográficos depende muito da sobrevivência do mosteiro em que eles estão guardados. Por isso muitas vezes o que chega até nós é um resumo ou uma simples tradução, como é o caso da *Vida* de Pelágia. A hagiografia de Pelágia foi traduzida em várias línguas, tendo sido de grande popularidade não só no Oriente, mas também no Ocidente medieval. Além disso, a partir dela várias outras hagiografias surgiram na época, embora não sejam especificadas quais foram.

A *Vida* de Pelágia também fornece algumas informações a respeito de costumes ou padrões de moral da época (século IV), como por exemplo, o de que mulheres não podiam andar com a cabeça descoberta e nem com os ombros à mostra.

Outras características que podemos apreender a respeito do cotidiano na sociedade em que Pelágia viveu, são alguns mecanismos utilizados pela Igreja em relação ao batismo, como a presença de uma madrinha ou mãe espiritual e a forma de sua administração financeira, como no caso dos bens de Pelágia doados após sua conversão. Além dos textos hagiográficos, como o sinaxário, podemos apoiar o estudo da *Vida* dos santos também através das obras de cronistas e historiadores, dentre os quais podemos destacar João de Éfeso. Ele foi um monge, bispo, missionário, nascido em meados dos anos 500, na província bizantina da Mesopotâmia.

No século VI ele escreveu suas *Vidas de santos do Oriente*¹⁶ que formaram uma coleção de 58 histórias de homens e mulheres do Oriente sírio que ele mesmo conheceu ou encontrou. O conteúdo de sua obra visa a glorificar a coragem e inspiração de indivíduos devotos para a verdadeira fé em uma época de violências generalizadas e catástrofes naturais.

As histórias se ocupam de detalhes da vida no século VI, descrevendo, por exemplo, vida cotidiana e cidades como Jerusalém e Amida, as várias formas da vida em exílio e, sobretudo, os problemas comuns enfrentados pelas populações locais.

Apesar do texto de João Éfeso ser posterior a biografia de Pelágia, ele pode ser tomado como exemplo também de um trabalho hagiográfico. Assim como João de Éfeso, o diácono Jacob narrou a vida de uma prostituta que ele conheceu e presenciou sua conversão, tentando a todo momento edificar não somente as atitudes virtuosas daquela mulher, mas também reforça sua fé e a de todos que tivessem a oportunidade de ler seu texto, e ainda edificar a própria Igreja enquanto instituição, já que a conversão de Pelágia demonstrava o poder de expansão do cristianismo nos primeiros séculos.

Ressalta-se ainda que, apesar das *Vidas* terem sido redigidas após a morte do santo e às vezes adquirir um caráter lendário, vale lembrar o mérito desses textos como documentos históricos. Estes oferecem informações acerca da sociedade na qual os textos foram produzidos, podendo ser apreendidas

¹⁶ HARVEY, Susan Ashbrook. Physicians and ascetics in Jhon of Ephesus: an expedient alliance. University of Rochester, 1984, v. 38, p.87-93.

deles preciosas características a respeito de alguns aspectos sociais, políticos e econômicos.

3-CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Neste capítulo, faremos uma breve exposição acerca da localização geográfica da Síria e em especial a cidade de Antioquia, região onde concentraremos nosso estudo, por ser onde Pelágia viveu antes de sua conversão e onde podemos identificar algumas singularidades do cristianismo oriental, como um todo, inclusive em Jerusalém, onde foi vista como santa. Ignácio Peña, no livro *The Christian Art of Byzantine Syria*, faz uma análise da região da Síria, mostrando sua importância para o estudo do cristianismo e fenômeno da santidade.

Segundo ele, poucas regiões no mundo oferecem tão rica e variada extensão de civilizações passadas como a Síria, cuja riqueza artística é comparável, se não superior, à região da Mesopotâmia, Ásia Menor e até Egito. Peña cita Baron von Oppenheim que chamou a Síria de “paraíso arqueológico” (PEÑA, 1996: p.7). Tal adjetivo foi colocado quando ele observava a grande variedade de ruínas históricas existentes na Síria e que possibilitam o estudo da arte, da religiosidade e do cotidiano no período bizantino.

A Síria faz fronteira ao norte com as Montanhas Taurus, as quais a separam da Ásia Menor. É banhada pelo Mediterrâneo a oeste, e pelos rios Tigre e Eufrates a leste. Devido a esta localização, a Síria foi um ponto de encontro das maiores civilizações do mundo antigo: a Egípcia, Mesopotâmica e outras como a Grega, a Romana e a Persa.



Antioquia e região, século IV

Peña faz um estudo do que ele chamou “Cidades Mortas do Norte da Síria”. Estas cidades são: Antioquia, Laodicea, Dura Europus, Apameia, entre outras e foram fundadas durante a dinastia Selêucida, que fez de tais cidades centros tanto militar quanto cultural. Devido a essa grande quantidade de

civilizações que por lá passaram, a maioria dos monumentos antigos encontrados foram erguidos por invasores estrangeiros, como os selêucidas, já citados, que fundaram também centros urbanos e comerciais que foram pontos estratégicos dessa região.

As “Cidades Mortas” formam uma coleção de 820 povoados, vilas e cidades do século II ao século VII e se estendem em uma paisagem rural montanhosa entre Antioquia e Aleppo. Elas foram abandonadas por volta das conquistas muçulmanas em 636. Daí o nome “Cidades Mortas”. Elas são encontradas em um triângulo, cujos ângulos são: Antioquia (moderna Antakya), Aleppo (moderno Halab) e Apaméia, que está ligada pelas planícies de Antioquia ao norte, Chalcis a leste, por Apaméia ao sul e pelo Vale do Orontes a oeste. Nestas cidades, a religiosidade está presente numa grande variedade de cultura material, como por exemplo os monastérios. A maioria dos monumentos foram construídos durante o período de dominação Bizantina, que teve início no ano 330, quando Constantino fundou Constantinopla como capital do Império Romano. É importante ressaltar que durante neste período, a Província da Síria experimentou estabilidade política e prosperidade econômica e seu declínio foi causado principalmente pelas invasões árabes e pela pesada taxaço.

Por se localizar em uma área montanhosa e de difícil comunicação, poucos especialistas se aventuraram neste território. Até recentemente, para chegar às “Cidades Mortas”, o único acesso era pelas três estradas que

atravessavam a região de leste a oeste. O resto da região foi servido apenas pelas pobres estradas locais construídas na era Romana-Bizantina. Em 1861, o explorador francês Melchior de Vogue descobriu esta região e suas ruínas históricas e as fez conhecidas no mundo Ocidental com seu livro *Syrie Centrale: Architecture civile et religieuse*¹⁷.

Segundo *The Oxford Dictionary of Byzantium*, a Síria geralmente é dividida em três zonas geográficas: o litoral; a faixa interior de planícies férteis e o deserto a leste. Etnicamente três povos corresponderam a estas três zonas: Grego, principalmente na faixa litorânea; Sírio, na área rural central; Árabe, na área deserta oriental (KAZHDAN, 1991, p.1998). É frequentemente dito que a Síria foi dividida entre uma população urbana helenizada e uma população semítica rural. Disso resultam evidências dos séculos IV-VII de uma mistura lingüística do Grego e do Siríaco em todas as regiões, tanto na cidade como no campo. É provável que Pelágia pertencesse a população semítica rural.

Segundo retóricos, historiadores, teólogos de Antioquia e filósofos de Apaméia, a cultura pré-islâmica da Síria pode ser descrita como aderindo às tradições greco-romanas, mas mostrou também influências semíticas. O grego influenciou a literatura siríaca, porém seu principal centro não foi na Síria propriamente dita, mas nas províncias de Osrhoene que compreende as cidades de Edessa-Urfa, Batnae e Harran e Mesopotâmia. Além disso, outras

¹⁷ PEÑA, Ignacio. **The Christian Art of Byzantine Syria**. Inglaterra: Garnet Publishing, 1996.

comunidades Geórgias e Armênias existem ao redor de Antioquia e nas Montanhas Negras. (PEÑA, 1996: p. 16).

Na cristandade siríaca se percebe um grande fervor religioso, que se manifestava, por exemplo, no ascetismo, heresias e um tipo de fanatismo. Os santuários dos dois Simeões, os Estilitas e o de Apameia no Orontes, o qual possuía uma importante relíquia da “Verdadeira Cruz”, foram importantes centros de peregrinação na região. A arquitetura eclesiástica se constitui de vários monastérios monofisitas, cujos nomes são conhecidos através de alguns documentos do ano 570.

Ainda em relação à Síria, é importante ressaltar que a expansão da Igreja trouxe consigo uma interação das influências culturais de todas as partes da cristandade. Uma das maiores contribuições para o cristianismo como um todo foi a do Oriente Sírio. O cristianismo siríaco teve um profundo impacto na cultura religiosa da cristandade antiga e contemporânea, como colocam Sebastian P. Brock e Susan A. Harvey: “We do not speak here of a long lost tradition: the Syriac-speaking churches are very much a part of our contemporary world, their heritage very much a living one.” (BROCK & HARVEY, 1998: p.1)¹⁸

No Oriente Médio, sul da Índia e agora também na Europa e América do Norte, as Igrejas siríacas continuam a nomear as principais representações religiosas das Igrejas ortodoxas (BROCK & HARVEY, 1998: p 1). Além

¹⁸“Nós não podemos falar aqui de uma longa tradição perdida: nas igrejas que falam siríaco, está uma grande parte do nosso mundo contemporâneo, sua grande herança viva”. (Tradução nossa).

disso, várias formas de cristianismo floresceram no Oriente Sírio, devido a grande quantidade de civilizações que por lá passaram e deixaram suas marcas. Como exemplo, Brock e Harvey citam os grupos Marcionites, Valentinianos, Messalianos e os sincréticos Manicheus. Tais grupos compartilharam o que emerge como um traço particularmente comumente da espiritualidade síria que foi um entendimento ascético da fé religiosa. Para grupos extremistas esse entendimento foi baseado na visão dualística do cosmos, ou seja, o tempo real, físico, é inferior ao espiritual único, se não um canal diretamente para o mal, enquanto o mundo espiritual é apenas verdade e bom terreno do divino. Tal entendimento ascético do cristianismo no Oriente Sírio foi fundamental nos seus primeiros tempos, principalmente na esfera da Igreja síria que emergiu como ortodoxa no curso da consolidação do cristianismo.

4- A ESPIRITUALIDADE SIRÍACA E O MONAQUISMO NO ORIENTE SÍRIO E EGITO.

Neste capítulo procuraremos mostrar as diversas formas de representações ascéticas, principalmente na Síria, tentando enquadrar o caso de Pelágia neste contexto, buscando as justificativas para as mais diversas formas de mortificação dentro do cristianismo oriental. Além disso, analisaremos as origens do monaquismo, ou seja, aquele modo de vida no qual o indivíduo deixa de lado os assuntos mundanos e se devota à religião. A palavra monaquismo vem do termo grego “*monos*” que significa só.

Quanto às origens do monaquismo, essa questão volta periodicamente, pois a historiografia ainda não ofereceu uma resposta totalmente satisfatória. Por exemplo, o mito do Egito como “berço do monaquismo”, de onde teria se expandido para as outras regiões do Oriente, e depois para o Ocidente, não podia mais ser mantido. O que se percebia era que o monaquismo havia nascido um pouco em toda parte ao mesmo tempo, sob formas muito variadas, e da vitalidade própria de cada Igreja local, tanto no Oriente como no Ocidente. Outro exemplo é aquele segundo o qual o monaquismo teria nascido após o Edito de Constantino, ou depois da era das perseguições. Cristãos fervorosos desejavam o martírio através da ascese e teriam se retirado ao deserto em reação contra uma Igreja cujo fervor diminuía (VEILLEUX, 1999: p. 1).

Essa visão não encontra fundamento nos documentos históricos, que tendiam mais a mostrar a expansão do monaquismo como fruto do fervor da Igreja que resultava do testemunho corajoso dos mártires. Esse testemunho talvez se baseasse na narrativa do Evangelhos, onde percebe-se que Cristo teria vivido com seus discípulos uma forma de vida comunitária que tinha muito mais em comum com esta tradição do que com as tradições dos rabinos de seu tempo ou mesmo com os profetas do Antigo Testamento.

A expressão “vita apostólica” na literatura monástica primitiva significará primeiramente toda esta vida dos apóstolos com Jesus. Este apresentava exigências extremamente radicais àqueles que desejavam segui-lo. Quando depois da morte de Cristo, certos fiéis desejaram adotar como modo permanente de vida o celibato, a renúncia total, a pobreza, que tinham não só exemplo de Cristo, mas os achavam também nas formas contemporâneas de ascese.

Susan Ashbrook Harvey, em seu artigo *Physicians and Ascetics in John of Ephesus: an expedient alliance*¹⁹, ressalta uma característica comum entre os ascéticos que foi a de tratar a doença como uma forma a mais de sofrimento para suportar a imitação de Cristo. O sofrimento do ascético foi um processo de disciplina pela resistência e de cumprir o característico simbolismo literal do início do cristão ascético: sofrer uma doença sem tratamento enquanto continua suas atividades cotidianas. Foi negar o físico para o espiritual,

¹⁹ HARVEY, Susan Ashbrook. “Physicians and ascetics in Jhon of Ephesus: an expedient alliance.” DOP, v.38, 1984, p.87-93.

declarar o compromisso com o divino (HARVEY, 1984: p. 90). Segundo Harvey, apesar de alma e corpo se refletirem, o pensamento ascético colocava que a saúde corporal indicava a doença da alma. O corpo representava o falecimento da alma, pois provocava o ascético com desejo. Nesse sentido, se desejo foi símbolo do mal e o mal do mundo material. Assim, a castração foi valorizada como um exemplo de rompimento com si próprio completamente, rompimento com uma via de pecado.

Pelágia também pode se enquadrar nessa questão, já que a promiscuidade, a utilização da beleza e do corpo a levou a uma vida de pecado e só após a renúncia a seus bens materiais e também sua opção por uma vida de sacrifícios e devoção pode ser considerada santa no Oriente cristão. Pelágia, como relata Jacob, renuncia até mesmo a seus aspectos femininos que tanto pecado teria trazido para sua vida enquanto era uma prostituta. A partir de sua conversão, ela se apresenta como homem, ficando conhecida em Jerusalém e nas regiões próximas como Pelégios.

Neste aspecto, o artigo levanta a seguinte questão: “But if sin is the result of human weakness rather than the product of an evil creation, then celibacy rather than castration proves the higher virtue” (HARVEY, 1984: p. 90).²⁰ Pelágia além de seguir uma vida de celibato, ainda se comportou como um homem eunuco cuja principal característica é castração. Apesar dela não realizar uma castração física, ela ocupou a posição de alguém que possuía tal

²⁰ “Mas se pecado é o resultado da fraqueza humana, em vez do produto de uma criação do mal, então celibato em vez de castração prova a elevada virtude”. (Tradução nossa).

característica. Ou seja, ela se enquadra tanto enquanto celibatária, que vence o desejo e renuncia a prática sexual, quanto um eunuco, como ela se apresenta para a sociedade após sua conversão.

Segundo Harvey, a doença representou um disfarce metafórico para o pecado. Se a doença da alma pode ser transferida para o corpo, ele mesmo a fonte de pecado, então a salvação é possível, ou seja, a saúde corporal indicava a doença da alma. A autora cita Teodoreto de Cyrillus, escritor cristão que nasceu em Antioquia em 393, se tornou bispo e esteve frequentemente envolvido em controvérsias teológicas. Dos seus numerosos escritos, o mais importante é *A cura de doenças pagãs*²¹. Teodoreto acreditava que existe um propósito divino na doença, não no sentido de moral para a natureza pecadora do corpo, mas para o uso ou necessidade de aumentar nosso conhecimento da relação entre o humano e o divino (ASHBROOK, 1984: p.91). Pelágia, após sua conversão, deixa ter os cuidados que tinha antes com o corpo.

Nobert Brox, no livro *Historia de la Iglesia Primitiva* ressalta as características pagãs presentes no culto aos santos. O autor cita como exemplo o comportamento social de renúncia à vingança, de pacifismo e oposição à violência, comportamentos, segundo o autor, relacionados à vida pagã. Brox coloca também que desde começos do século II, os cristãos elegeram a ascese, ou seja, a renúncia às possessões, ao matrimônio, à cultura, o conforto, à comida, bebida, sono, como forma de vida para o segmento de Jesus. A ascese

²¹ KAHZDAN, Alexander. **The Oxford Dictionary of Bizantium**. New York: Oxford University Press, 1991. p. 2049.

era praticada nas formas mais diversas também no mundo pagão (BROX, 1986, p.173). Um dos tipos de ascese que podemos encontrar no cristianismo é a renúncia sexual, especialmente de mulheres, denominadas por Tertuliano, como vimos, de “noivas de Cristo”.

Pelágia ao renunciar a seus pecados e ser batizada pelo bispo Nonnos se tornou uma dessas “noivas de Cristo”. Ao repreender Satanás, que a incomodava em uma de suas supostas aparições, disse: *May our Lord Jesus Christ Son of the living God rebuke you. It was he who seized me from you and made me a bride for his heavenly marriage chamber* (BROCK & HARVEY, 1998,p.55)²². Esta passagem mostra que ela foi consagrada como uma noiva de Cristo, mesmo não sendo mais uma virgem.

A partir do momento que Pelágia foi convertida ao cristianismo, ela passou a viver uma vida de renúncias não só relacionadas ao desejo sexual. Doou todos os seus bens à Igreja e passou a viver uma vida de celibato. Indo se isolar numa cela no Monte das Oliveiras. Esse afastamento não foi total no caso de Pelágia, pois pode ter sido uma estratégia sua se retirar para o Monte das Oliveiras, para ser “vista” e aparecer para o mundo cristão como santo monge.

Porém, este ideal de virgindade não se aplicou somente às mulheres. Na Síria, mulheres e homens tornaram-se “Filhos e Filhas do Acordo Solene” (CHIDESTER, 2000: p. 122). Estes homens e mulheres viajaram de vila em

²² “Nosso Senhor Jesus Cristo filho do Deus vivo pode repreender você. Foi ele que me tomou de você e me tornou uma noiva para seu casamento celeste”(Tradução nossa).

vila cantando a beleza e hinos de sua fé cristã. Na Síria, Mesopotâmia e em qualquer outro lugar do Oriente, a virgindade tornou-se uma característica de vida cristã. No Oriente e no Ocidente, celebrava-se a virgindade como uma vida religiosa total e longa de compromisso com Cristo.

Juntamente ao exemplo de Jesus está sua mãe, Maria, que também se tornou um modelo de virgindade. Por volta do século II, ela foi celebrada como virgem perpétua pela Igreja. Nessa época, viúvas que se recusaram a casar novamente, assumiram um *status* especial. Assim como Maria, foram denominadas “mães virgens” na Igreja. Elas foram consagradas para “recuperar sua virgindade” depois do parto. Além das viúvas, mulheres solteiras também defenderam a virgindade perpétua, como, por exemplo, a chamada heroína Tecla, que segundo um texto do século II, se martirizou para defender sua virgindade e se salvar de um casamento arranjado (CHIDESTER, 2000: p.123). De acordo com a Igreja, a santidade das “noivas de Cristo” foi guardada em um documento imperial de 354, protegido por “pessoas sagradas” (CHIDESTER, 2000: p. 123). De acordo com Atanásio, as virgens representaram uma amostra de salvação para os cristãos e uma prova de validade do cristianismo para os pagãos. Além da renúncia às possessões materiais, Pelágia também teve que renunciar a sua vida sexual, que no seu caso era um diferencial em sua vida, já que ela era uma prostituta.

Porém, muitas jovens como já falamos no caso de Tecla, optaram pela virgindade em preferência a um casamento arranjado ou o risco de morte no

parto. Além disso, muitos pais, irmãos e outros parentes levavam as jovens, até mesmo antes da idade apropriada, para a vida de celibato visando além dos benefícios espirituais de ceder uma virgem à Igreja, também obter vantagens materiais, já que os devotos dessas virgens costumavam oferecer presentes e até mesmo dinheiro em troca das bênçãos dadas por elas. Mesmo assim, estas mulheres foram consagradas como as “pessoas mais sagradas” da Igreja cristã (CHIDESTER, 2000: p.124). Além disso, muitas dessas mulheres possuíam posses, financiando obras para a Igreja, como por exemplo, construção de bibliotecas.

Pelágia mesmo, durante o tempo em que foi prostituta, acumulou uma grande quantidade de bens que foram entregues à Igreja posteriormente.

Uma outra definição de santidade surgiu entre os eremitas e monges do deserto. Esta exigia mais que a renúncia à sexualidade. Ela exigiu uma retirada completa do mundo para se comunicar com Deus. Um exemplo dessa forma de santidade foi o caso de Simeão na Síria, conhecido como Simeão, o Estilita (+ 459). Segundo Cyril Mango, Simeão, o Estilita, deu origem a uma das formas mais espetaculares de ascetismo: a reclusão no alto de uma coluna. O autor levanta algumas questões como:

O que levou Simeão a passar trinta e sete anos no alto de uma coluna? Era, na época se dizia, para servir de intermediário entre Deus e os seus anjos no céu e os homens na terra—até pela sua posição física? Ou para expor-se o mais possível aos ataques dos demônios, que habitavam no ar? (MANGO, 1998: p.258).

Embora estes eremitas tentassem romper todas as conexões com o mundo, eles acabaram se tornando foco de atenção religiosa popular, atraindo

multidões que, no caso de Simeão, se juntavam para ficar embaixo da coluna para tentar se aproximarem do poder sagrado que era produzido pela comunhão solitária do eremita com Deus.

No caso de Pelágia podemos perceber que ela também, apesar de tentar um isolamento, acabou se tornando foco de atenção popular. Pois ela escolheu, como local de reclusão, o Monte das Oliveiras em Jerusalém, que era um local de intensa peregrinação, o que a tornou muito conhecida pelos habitantes da cidade e da região. Este reconhecimento não se deu apenas pela situação em que Pelágia vivia, mas devido também ao local escolhido por ela, que não se tornou conhecido pela sua santidade. Ele já era considerado um local santo antes de sua chegada.

Além da veneração popular, os eremitas também formaram comunidades localizadas no deserto. Algumas dessas regiões, apesar de desconhecidas, ficavam somente a alguns dias de Alexandria, o que possibilitava as visitas de peregrinos, que vinham admirar o espírito de sacrifício e registrar a sabedoria dos “Pais do Deserto”. Pelágia, de acordo com a narração de sua *Vida*, não formou nenhuma comunidade, somente se tornou, como falamos anteriormente, foco de veneração popular após sua reclusão.

Os eremitas do deserto lutavam contra a tentação sexual em seus encontros com o demônio. Porém, essa tentação sexual sobre os eremitas não existia somente para satisfazer desejos sexuais, mas ela poderia trazer os

eremitas de volta ao mundo social. Neste mundo social, além do desejo sexual, ele encontraria diversas outras tentações que poderiam fazer com que ele pecasse, como, por exemplo, os excessos de comida, bebida ou conforto do lar.

Na luta contra os demônios do sexo, gula, avareza, raiva, os eremitas travaram uma guerra contra as forças sobrenaturais do mal, mas eles reconheceram que estes inimigos, vistos como o demônio que os atacava, nada mais eram que projeções de seus próprios pensamentos. Na Vida de Pelágia, há uma passagem, já citadas por nós anteriormente, que demonstra esse encontro dela com o Satanás, logo após sua conversão.

Podemos observar, diante dessa descrição da vida dos eremitas, que o deserto era um local de dualidade, ou seja, ao mesmo tempo que o eremita estava mais próximo de Deus, devido ao seu isolamento, também travava constantemente uma luta contra o demônio. Foi principalmente na Síria e Mesopotâmia que essas manifestações extremadas do ascetismo mais se desenvolveram.

Outro tipo de representação ascética é vista nos chamados “herbívoros”, que eram homens e mulheres que andavam pelo deserto, quase nus e alimentando-se de ervas bravias. Com o passar dos anos, eles acabavam parecendo animais ferozes (MANGO, 1998: p.260), não podendo ter mais nenhum tipo de contato humano. Apesar de atrair a atenção dos fiéis, o fato de não se fixarem em um determinado local não resultou em peregrinações.

Havia ainda os chamados santos loucos, que simulavam loucura e habitavam as cidades sem qualquer tipo de sentimento à necessidade de comida, casa ou paixão humana. Eles assumiam o papel de desprezados pela sociedade, se expondo a todo tipo de humilhação e vencendo dessa maneira o pecado da soberba. Esses dois tipos de ascetismo foram descritos por Evágrio Pôntico (+399).²³ Segundo Evágrio Pôntico, a ascensão espiritual consiste em reintegrar a alma na “contemplação primeira” em que ela verá Deus em si mesma, como num espelho (GOUILLARD, 1979: p.17). No caminho, o espírito terá de se despojar dos pensamentos apaixonados; depois mesmo dos próprios pensamentos simples, até a completa nudez de imagens, de conceitos e de formas. A contemplação primeira será então realizada e com ela, a oração perfeitamente pura, que é apenas outro nome daquela.

Em um de seus textos, *Tratado sobre a oração*²⁴, Evágrio mostra como o ascético deve agir para atingir essa contemplação. Eis aqui alguns trechos desse texto: “Mantém-se corajoso e ora com energia; afasta as preocupações e as reflexões que se apresentarem, pois elas te perturbam e te agitam, debilitando o teu vigor.” (GOUILLARD, 2003: p. 18). Em outro trecho Evágrio afirma: “Não poderias possuir a oração pura, estando perturbado com coisas materiais e agitado por inquietações contínuas, pois a oração é abandono dos pensamentos” (GOUILLARD, 2003: p. 23).

²³ Originário da Capadócia, discípulo de São Gregório Nazianzeno, passou os últimos dezesseis anos de sua vida no Egito, como anacoreta. GOUILLARD, Jean. **Pequena Filocalia**. Editorial Paulus, 2003, p. 17.

²⁴ GOUILLARD, Jean. *Op Cit.* p.5-25.

Neste trecho fica claro que para estar mais próximo de Deus, para se atingir um nível de santidade, é necessário a renúncia a tudo, até mesmo dos próprios pensamentos. Pelágia se enquadra nessa característica, já que, ao se isolar numa cela no Monte das Oliveiras, ela teria vivido em oração constante. Em um dos trechos de sua hagiografia, o diácono Jacob diz: “(...)her pretty eyes had become hollow and cavernous as the result of much fasting and the keeping of vigils”²⁵ (BROCK & HARVEY, 1998: p. 60).

Através da análise da *Vida* de Pelágia, podemos perceber a presença dessas formas de manifestação do ascetismo oriental. Entre estas, encontramos principalmente a renúncia aos bens materiais, a vida sexual, isolamento social e formas de mortificação.

Foi pouco a pouco que se desenhou no seio da comunidade eclesiástica a consciência de que nem todos eram chamados a seguir Cristo pelo mesmo caminho e que se precisou uma via monástica distinta daquela do resto dos fiéis. Nos escritos dos monges cristãos do século IV, é muito claro que eles foram para o deserto para se deixar transformar à imagem de Cristo sob a ação do Espírito Santo e para enfrentar os demônios que os atacavam. Mas não se pode ignorar que segundo a própria lei da encarnação, os ascéticos estavam condicionados na realização de seu “projeto” pelo contexto religioso e sócio-cultural no qual eles estavam inseridos (VEILLEUX, 1999: p. 4).

²⁵ “(...) seus belos olhos tornaram-se vazios e cavernosos como o resultado de muitos jejuns e a manutenção de vigílias”. (Tradução nossa).

Na verdade, a imagem que se desenha é a de um grande movimento espiritual que se desenvolveu no curso dos primeiros séculos de nossa era, ao mesmo tempo no cristianismo e fora dele. Começa-se a falar de monaquismo quando se desenha uma forma de vida cristã mais estruturada. Utiliza-se modos exteriores de expressões comuns aos ascetas do cristianismo oriental, mas exprime-se uma busca espiritual enraizada no Evangelho e vivida sob a direção do Espírito.

Por isso, ao longo de toda história do monaquismo, os momentos de grande desenvolvimento, de renovação ou de reforma foram aqueles onde, por ocasião de uma transformação cultural mais profunda, monges e monjas foram particularmente sensíveis às aspirações espirituais dos homens e mulheres de seu tempo e souberam dar, através de sua vida e na linha de sua tradição, respostas que foram valiosas não só para eles, mas também para seus contemporâneos.

CONCLUSÃO

A partir do que foi exposto podemos comprovar, através da *Vida* de Pelágia, algumas das principais características do ascetismo oriental. Dentre essas características podemos destacar a renúncia aos bens materiais, ao conforto do lar, a comida, bebida, sexo.

Outro ponto a destacar dentro da hagiografia dessa santa, é que ela renuncia até mesmo à sua vaidade, deixando de lado as características femininas e se portando como um virtuoso homem.

O isolamento, característica muito comum entre os eremitas orientais, também aparece na *Vida* de Pelágia, já que ela se trancou numa cela no Monte das Oliveiras, passando o resto de sua vida orando, jejuando e abençoando os peregrinos que iam visitá-la. O lugar escolhido por ela era um lugar de intensas visitas, o que comprova o que já citamos no capítulo 4 deste trabalho, que é o interesse que o santo tinha em obter certo prestígio. Quanto maior o número de visitantes, maior era o destaque que ele poderia adquirir, chegando até mesmo a serem formadas comunidades ao redor do local que ele se encontrava. No caso de Pelágia, ela não forma uma comunidade ao seu redor, pois ela escolheu um local que já tinha uma comunidade formada e já era um local considerado santo. Outro elemento presente na hagiografia de Pelágia é a sua luta contra o demônio que, como já mencionamos no capítulo 4, são estudados como projeções dos próprios pensamentos.

Remetendo-nos ao título escolhido, não podemos deixar de destacar que para se obter o perdão divino e se aproximar de uma espiritualidade mais próxima a Deus, deve existir uma superação do pecado, do erro. No caso de Pelágia, fica claro a existência do pecado e também do perdão divino, e ainda a necessidade de um sacrifício para que se fique totalmente purificado de todos os erros do passado.

Além dessas características, podemos concluir que apesar da maioria das hagiografias possuírem algum caráter lendário, são documentos de extrema importância, não somente para o estudo da vida dos santos, mas também por oferecer ricos aspectos da sociedade do período que desejamos estudar. Exemplo disso é a *Vida* de Pelágia que nos proporcionou o entendimento do ascetismo oriental no século IV, bem como alguns costumes do cotidiano nesse período.

No início deste trabalho levantamos três questões que julgamos ser fundamentais: qual a necessidade histórica do fenômeno da santidade, quais as reações da sociedade no seio da qual o santo se manifesta e finalmente qual o comportamento adotado pela instituição da Igreja diante deles.

A partir delas o que podemos demonstrar é que o fenômeno da santidade foi de grande importância primeiramente para a Igreja enquanto instituição, já que quanto maior o número de santos, maior era o número de fiéis que eram atraídos para o cristianismo. Além disso, a Igreja ainda recebia

alguns benefícios financeiros, como vimos na *Vida* de Pelágia que doou todos os seus bens para a Igreja.

Tal fenômeno também teve grande importância para as populações do Oriente sírio no século IV, região abordada por nós neste trabalho, pois neste período tais populações foram atingidas por grandes catástrofes naturais, como terremotos e enchentes. Devido a essas dificuldades, estes povos recorriam aos santos buscando conforto espiritual como forma de amenizar os sofrimentos que eram constantes.

Em relação a última questão, o que percebemos é que no Oriente a questão do reconhecimento da santidade por parte da população tinha grande relevância no processo de canonização. Como já falamos no início deste trabalho, o processo de canonização no Oriente é bem menos rigoroso que no Ocidente. A ação da Igreja acontece só depois de um reconhecimento popular, que os mecanismos de tal processo são muito menos burocratizados que na Igreja Romana.

Embora se trate de uma hagiografia, as particularidades da narrativa da *Vida* de Pelágia tornam o seu caso especial, com aspectos diferenciados dentro do contexto abordado. Essas singularidades podem ser percebidas através de seu processo de conversão e reclusão. A *Vida* de Pelágia nos proporcionou responder algumas questões propostas ao longo do trabalho, dentre elas a importância do estudo hagiográfico para o entendimento do cristianismo oriental e suas particularidades no século IV.

BIBLIOGRAFIA

FONTE:

BROCK, Sebastian P. and HARVEY, Susan Ashbrook. Introduction. In: **Holy Women of the Syrian Orient**. Berkeley: Updated Edition, 1998.

OBRAS DE REFERÊNCIA:

ATTWATTER, Donald. **Dicionário de Santos**. 2 Ed. São Paulo: Art Editora Ltd, 1991.

ENCICLOPÉDIA Universal Ilustrada Europeu- Americana. Madrid: Espasa-Calpe, 1927. Tomo LVI, p.356-357.

KAZHDAN, Alexander. **The Oxford Dictionary of Bizantium**. New York: Oxford University Press, 1991.

TEXTO DISPONÍVEL ONLINE:

VEILLEUX, Armand. As origens do monaquismo cristão. Tradução: Cecília Fridman. <http://users.skynet.be/scourmont/Armand/wri/origines-por.htm>. 10/01/2007.

OBRAS:

BROX, Nobert. **Historia de la Iglesia primitiva**. Helder Editorial, 1986.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

CHIDESTER, David. **Christianity. A global history**. Londres: Penguin Books, 2000.

GOUILLARD, Jean. **Pequena Folicalia**. São Paulo: Editorial Paulus, 2003.

CAVALLO, Guglielmo. **O homem bizantino**. Editorial Presença, Lisboa, 1998.

HARVEY, Susan Ashbrook. Physicians and Ascetics in John of Ephesus: an expedient alliance. University of Rochester, 1984, v.38.

PENÃ, Ignácio. **The Christian Art of Byzantine Syria**. Inglaterra: Garnet Publishing Ltd, 1996.

SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão. A hagiografia medieval: o caso das “vidas” de Gonzalo de Berceo. In: **Anais da Segunda Semana de Estudos Medievais**. Org: Maria Eurydice de Barros Ribeiro. Brasília: UNB, 1994.

STE. CROIX, G.E.M. De. **The Class Struggle in the Ancient Greek World from the Archaic to the Arab Conquest**. London: Duckworth, 1981: